

# Habitação & Planejamento

Inútil nos pareceu colocar ao alto destas considerações a ordem inversa: Planejamento e Habitação. A idéia a inculcar é a do problema da Habitação que deve ser colocada na linha do problema do Planejamento. Assim nos pareceu que Habitação precederia, como sempre precedeu, neste País, a Planejamento, embora seja ridículo hoje imaginar-se uma solução para Habitação sem a correlata idéia do Planejamento, anterior a qualquer indicação das possibilidades de residência.

De há muito se insiste em que a Urbanística é a colocação dos fatores: Habitação, Trabalho, Circulação, Recreação. De há muito iniciativas de toda a forma se lançam no sentido da Habitação — sem planejamento urbanístico que a condicione. A proliferação do tugúrio, inclusive ao lado da cidade mais nova do mundo, que é Brasília, tem sido, junto às nossas grandes cidades, a solução "natural" do abrigo humano. Facilita essa solução o consentimento da autoridade municipal quanto ao aproveitamento do terreno e a adjetivação ali colocada se refere ao clima, pois o tugúrio serve, em qualquer caso como abrigo.

O problema deveria ser estudado, já agora, não mais em função do antigo Distrito Federal, onde mais proliferaram as "favelas", mas em S. Paulo, onde a impetuosa evolução canalizada pela existência de Brasília, a não serem tomadas providências em tempo útil, virá criar novos problemas urbanos, com o afluxo de massas humanas, que precisa ser previsto, fóra, já agora, da logística aplicada ao crescimento normal. A "marcha para oeste", da frase literária que tanta sorte teve, deve refletir-se não no sentido da interiorização para oeste, mas no afluxo para S. Paulo, para onde já se dirigem interesses maiores da indústria, do mundo bancário e de atividades comerciais.

Aliás, o crescimento da área paulista está dando razão ao pensamento expedido há doze anos atrás pelo professor Anhaia Melo, de que o Planejamento Regional paulista carecia de ser tratado num raio de cem km da periferia, pois seria nesse espaço que a densidade viria concentrar-se, e muito fóra dele que a descentralização caberia ser operada. Hoje a ocupação da área vai de Santos a Jundiaí, ao longo dessa antiga estrada de ferro que o gênio de Mauá traçou, para a ligação de Santos com o interior paulista, e que os ingleses transformaram na antiga SPR, cuja decadência, como estrada de ferro, é consequência direta da encampação que se produziu.

Observado o fenômeno do crescimento verificado de 1940 a 1950, não será difícil calcular-se que S. Paulo atrairá novamente uma migração interna, em detrimento do Rio de Janeiro, que tende a tornar-se uma cidade de turismo e cultura — tôdas as condições para o centro universitário estão evidentes no informe panorama da Cidade Universitária da Ilha do Governador. Se os governos do Estado de Guanabara derem o incremento que cabe à êsse centro de cultura e turismo, em que se pode transformar a capital antiga, a perda do governo central e do interesse bancário e comercial, não afetará grandemente a cidade da maravilhosa legenda... Mas para São Paulo correrá um interesse maior — é preciso prever essa ocorrência a prevenir medidas e soluções para um desordenado crescimento, ainda maior do que se tem, até agora verificado. Que em S. Paulo o problema do tugúrio está presente nem resta dúvida, quando a 300 metros do seu impotente aerôporto — o de maior movimento no País — crescem as casas de barro e de tábuas, de latas e de folhas de zinco, que fazem a "favela" de Congonhas. S. Paulo terá então de prever o afluxo migratório que virá sobre sua área em maior expansão agora, devido a Brasília, com seu apêlo de "marcha para oeste"... Brasília está limitada: S. Paulo não está. A siderurgia que levanta, nestes dias, no pé da Serra do Mar, será outro fator fixador de condições ideais para o crescimento industrial paulistano, já ocupando quase toda a Via Anchieta.

O desenvolvimento natural acarretará para S. Paulo em tais condições uma nova onda humana, que tornará mais complexo o problema de habitação existente desde há vinte anos, quando, em 1941, o IDORT se ocupou com a questão. Estávamos no ano primeiro da elevação demográfica absurda da década de quarenta, quando uma precipitação de um milhão de habitantes tornou São Paulo a cidade mais populosa do Brasil.

O ritmo da construção civil que vinha sendo grande, também, por sua vez, precipitou-se. Pesquisas parceladas verificaram que a ocupação de aposentos chegava a limites incríveis: num quarto da Bela Vista foram encontradas, em 1947, quatorze pessoas, na maior promiscuidade, entre crianças e adultos.

Não há pesquisas sobre habitação, nem pesquisas sobre "favelas". Em certo dia de 1948, o secretário de Obras da Prefeitura paulista mandou atear fogo a uma "favela" nascente junto à praça da República, na rua Vieira de Carvalho; a tentativa de instalar-se o tugúrio aí foi destruída, dessa maneira sumária. Mas, não será possível continuar pondo fogo nas favelas que estão continuamente surgindo e desenvolvendo a existência do tugúrio.

O problema é de alçada do Planejamento da Cidade; é da alçada dos poderes públicos municipais; está condicionado a uma previsão correta do desdobramento urbano paulistano, que precisa ser dominado.

É um problema de Urbanismo, sim, mas também da Arquitetura. Está na mira das equipes que se formam na FAU, e que podem relegá-lo, simplesmente, à iniciativa particular interessada, hoje, em criar palácios nos apartamentos de luxo da cidade.

Pode parecer uma previsão extravagante. Mas, sem dúvida alguma, todo o esforço do governo paulista para aumentar as possibilidades de enriquecimento de S. Paulo abrange a certeza de que o crescimento demográfico da Capital ultrapassará as previsões normais. Será, primeiro, para S. Paulo, que se processará a "marcha para oeste", em que se fundamentou a interiorização da capital do País. E Habitação é o problema imediato do afluxo migratório incoercível.